



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADA CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro Fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

13 de Outubro de 2007 • Ano LXIV • N.º 1659
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Regressaram
com os olhos cheios
de bem,
belo
e bom.



Bem, belo e bom

NESTE penúltimo fim-de-semana de Setembro, dois acontecimentos, aparentemente comuns, despertaram o nosso ritmo habitual de vida.

No dia 21 de Setembro, uma sexta-feira, ao final de uma tarde soalheira, espreitando já a proximidade do Outono, acompanhámos o regresso do nosso Padre Telmo a Angola. Foi um momento de grande ansiedade e emoção... Padre Telmo, sempre se tem revelado um homem desejoso de paz, entre nós, e hábil na sua procura. Venerando ancião, desprendido e bom; amonte do «bem» e do «belo»; tão certo a intuí-lo no Lodo como a admirá-lo nas Estrelas.

Com ele partiu também Padre Rafael, este, jovem ainda, vindo de Espanha, sua pátria natal; de Saragoça, sua Igreja-Mãe que o gerou e o consagrou para o serviço do Reino.

Regressaram com os olhos cheios de «bem», «bom» e «belo»; disso mesmo que envolve sempre a África, num misto de sonho e realidade.

Vê-los partir, naquela tarde, foi um autêntico «Cântico de Vésperas»; o prenúncio de uma madrugada cheia de luz e de esperança que não tardará a despontar por entre os montes...

Continua na página 4

A pobreza

A Liturgia da Palavra, hoje, Domingo XXVI do Tempo Comum, sugere o tema. Antes me apetecia dizer: Impõe-no.

É que o tema acaba por banalizar-se de tão frequentemente abordado, umas vezes por profissionais oportunistas com mais malícia do que vontade de apontar remédio, outras por gente empenhada com sinceridade mas movendo-se horizontalmente em planos dominados por ideias tecnicistas, reestruturantes... — teorias. Será que, depois de não sei quantos milénios de Humanidade e dos dois da Era Cristã, com experiências feitas em todo o espectro de filosofias e organizações, as mais diversas, sobre a Sociedade dos homens — haverá direito à ingenuidade de esperar de sociólogos, de políticos, ou de quaisquer outros especialistas, por muito competentes e bem intencionados que sejam, a Justiça Social como tempero e têmpera da dita Sociedade?

Estes podem ajudar, e muito!, mas jamais serão os protagonistas da consumação de tal desiderato. Podem ajudar, sim, se forem honestos, sábios da convicção profunda da ineficácia por si-próprios... Pai Américo remataria: «Sem Humildade, nada!»

Porque deixou dito Jesus Cristo que «Pobres, sempre os tereis convosco»? Porque fatalidade inelutável? Por ser essa a Sua vontade? Disse-o porque conhecia o Homem, o seu coração ávido de riqueza. É esta avidez a causa, a principal fonte de onde brota a pobreza. Por isso, «sendo rico», ao vir ao mundo, «fez-Se pobre, para nos enriquecer na Sua Pobreza».

O Homem, a sua fragilidade; dar-lhe meios para curá-la — foi o objectivo da Sua vinda. O Homem, o alvo da Sua Revolução: «Eu vim trazer o fogo à Terra e não quero senão que ele incendeie» — incendeie o coração do homem e o transfigure. Não deixou técnicas nem receitas de organização social, senão somente esta receita fundamental: a Pobreza (que apresentou como primeira Bem-aventurança) é o único remédio da pobreza. Os modos de o aplicar são a parte dos homens. Não lhes falta engenho para tal, assim o coração, livre da avidez da riqueza, os liberte para uma vida fraterna uns com os outros. E não há fraternidade sempre que alguém, anestesiado pelos requintes do seu bem-estar não dá conta e «não se aflige com a ruína de José», lembramos o Profeta Amós na primeira Leitura deste dia; e S. Lucas: na ausência de compaixão no «homem rico» da parábola perante Lázaro, faminto e coberto de feridas, que jazia à porta da sua casa.

Nem sequer há Justiça — adverte S. Ambrósio «a vós, os ricos» — se algum distribui aos Pobres bens seus, senão tiver em mente que se trata de uma restituição de bens que são deles, porque «a terra não pertence à casta dos ricos, mas a todo o género humano. Por isso, o que se vos pede não é que façais graciosamente um pouco de beneficência; pede-se que pagueis a vossa dívida».

Não são fáceis de escutar, nem lisonjeiras à maneira do mundo, estas palavras frontais de S. Ambrósio; mas são as verdadeiras. Impli-

Continua na página 4

SETÚBAL

Sobre o nascimento de Pai Américo

«NÃO são as coisas que se sabem dos homens de Deus, que os levam à glória dos Altares. O melhor não se sabe. Eles não o disseram. Por isso é que, por muito que os autores digam, são sempre incompletas as vidas dos Santos.»

Estas são palavras de Pai Américo. O melhor da sua vida certamente não se sabe.

Ele não o disse. Não foi capaz de falar de si mesmo. Sabemos no entanto muito. O Padre Américo foi um grande comunicador. Pela palavra e Obra que deixou podemos conhecê-lo.

Conhecê-lo e dá-lo a conhecer é o objectivo que pretendemos com um grupo de Amigos desta Casa do Gaiato, quando passam 120 anos do seu nascimento.

Crianças, jovens, adultos, todos estão convidados para fazerem este percurso de o conhecerem ou darem a conhecer, no primeiro sábado do mês de Abril do próximo ano. Até lá, medeia o tempo necessário para fazerem a preparação dos trabalhos a apresentar numa Sessão Evocativa.

Aos de dentro da nossa Casa bem como aos de fora — grupos paroquiais de cate-

quese e de jovens, alunos de Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas, grupos de escuteiros e de outros movimentos, aqueles que tenham um testemunho a transmitir sobre o Padre Américo — fazemos o convite para prepararem alguma apresentação que ajude e dê a conhecer o Padre Américo, na referida Sessão Evocativa, no dia 5 de Abril de 2008, no auditório Paroquial e Social da Anunciada, em Setúbal.

O modo de expor os trabalhos, bem como as técnicas e os materiais usados, é deixado à livre criatividade de cada um, podendo servir-se dos meios tradicionais como a expressão artística e plástica ou

Continua na página 2

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — Nove remessas de vários Amigos, 1500 euros. Nos quais temos 100 euros da assinante 1121.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

A MISSÃO CONJUNTA DO FILHO E DO ESPÍRITO

«Aquele que o Pai enviou aos nossos corações, o Espírito de Seu Filho, é realmente Deus. Consubstancial ao Pai e ao Filho, é d'Eles inseparável, tanto na vida íntima da Trindade como no seu dom de amor pelo mundo. Mas, ao adorar a Santíssima Trindade, vivificante, consubstancial e indivisível, a fé da Igreja professa também a distinção das pessoas. Quando o Pai envia o seu Verbo, envia sempre o Seu Sopros: missão conjunta em que o Filho e o Espírito Santo são distintos mas inseparáveis. Sem dúvida, é Cristo quem aparece, Ele que é a imagem visível de Deus invisível; mas é o Espírito Santo quem O revela.

Nesta missão conjunta, o filho é a Palavra do Pai; mas é o Sopros do

Pai que O exprime e o inspira aos profetas. Quando o filho é manifestado, é o Espírito que O manifesta. Jesus Cristo, 'ungido', porque o Espírito é d'Ele a Unção; e tudo quanto acontece a partir da Encarnação decorre desta plenitude. Finalmente, quando Cristo é glorificado, pode, por sua vez, enviar junto do Pai, o Espírito, aos que crêem n'Ele: comunica-lhes a Sua glória, quer dizer, o Espírito Santo que O glorifica. A missão conjunta desenvolver-se-á, a partir desse momento, nos filhos adoptados pelo Pai no corpo de Seu Filho: a missão do Espírito de adopção será uni-los a Cristo e fazê-los viver n'Ele:

A noção de unção sugere... que não há nenhuma distância entre o Filho e o Espírito. Com efeito, do mesmo modo que entre a superfície do corpo e a unção do óleo, nem a razão nem os sentidos conhecem qualquer intermediário, assim é imediato o contacto do Filho com o Espírito; embora para aquele que vai tomar contacto com o Filho pela fé, seja necessário encontrar primeiro o óleo pelo contacto. com efeito, não há parte alguma que esteja nua do Espírito Santo para aqueles que O recebem, pois o Espírito vem de todos os lados, ao encontro daqueles que se aproximam pela fé (S. Gregório de Nissa, sobre o Espírito Santo).

Júlio Mendes

SETÚBAL

RAPAZ NOVO — Há uns dias recebemos, de braços abertos, mais um Rapaz, de Lisboa, que se chama Cláudio. Tem 12 anos, gosta de jogar a bola, da vacaria e de brincar com os outros. É com amor e carinho que o recebemos, e é mais um para se preparar para o futuro, cá, em nossa Casa.

OBRAS — Há pouco menos de uma semana tivemos, cá em Casa, um grupo de calceteiros que nos vieram ajudar a pôr a calçada ao pé da lavandaria. Este espaço ficou muito bonito e espero que voltem em breve.

SILAGEM — Há umas semanas atrás começámos a ceifar o milho para acabar de encher o silo que faltava. Este ano tivemos uma grande colheita e esperamos que no próximo ano tenhamos a mesma sorte, porque as nossas vaquinhas agradecem.

JARDINS — Depois de acabar as limpezas na nossa casa da Arrábida, o «Monchique» voltou para tratar dos jardins. Neste momento ele está com alguns problemas, porque o seu carro de mão está estragado. Enquanto o carro não estiver bom, tem que carregar as plantas com caixas. Gostamos muito do trabalho que ele tem feito, esperamos que continue a tratar bem dos nossos jardins.

MÚSICA — Os nossos músicos, Cláudio, Rúben, Patrício, Marco Aurélio, Rodrigo e André Jorge, estão a aprender a tocar diversos instrumentos, no Conservatório e na Academia Luísa Tody. Com eles podemos dar mais alegria às nossas Missas, com a orientação do nosso ensaiador e do coro.

Luís Alexandre

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

ENCONTRO — A alegria da confraternização que efectuamos anualmente nos nossos convívios serve para reconhecer o trabalho e empenho dos Padres da Rua que em África laboram em benefício da criança abandonada, dos mais pobres e doentes desamparados.

Os Padres das Casas do Gaiato em Portugal inquietam-se com as necessidades das Casas de África, enviando contadores do que conseguem dos benfeitores lusitanos, e vão cobrindo todas as carências que as Casas de além-mar solicitam, que são muitas.

Não estive, fisicamente, presente no encontro realizado nos dias 8 e 9 de Setembro por compromissos familiares mas não deixei de me manter informado, durante e após,

Alberto («Resende»)

para poder elaborar esta crónica. Padre Telmo esteve presente.

A comparência do Padre João foi muito louvada, prenúncio de que vamos continuar a ser acarinhados e apoiados. Não temos razão de queixa dos auxílios recebidos, seja em Setúbal, Coimbra ou Paço de Sousa, o que agradecemos.

Compareceu um casal amigo, Senhor António Pereira e esposa Maria Emília, que viram a Casa de Malanje a nascer, actualmente residem na zona de Coimbra. A malta gostou e pede que voltem a comparecer em futuros convívios.

Temos tido problemas em saber o número de presenças nos encontros obrigando os organizadores, por vezes, a efectuarem despesas desnecessárias. Para que não se repita, talvez seja preferível confirmar, antecipadamente, as presenças.

Aos organizadores deste ano, os parabéns. Para preparar o próximo encontro, previsto para Sintra no primeiro fim-de-semana de Setembro de 2008, ficam o Manuel («Barrigas») e o Tomás, que ficaram de confirmar logo que seja possível.

Para qualquer assunto relacionado com os nossos convívios podem contactar pelo telefone 969537365.

Manuel Fernandes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É com prazer que damos testemunho do trabalho que fazemos.

É gratificante sabermos que os nossos amigos continuam a ser fiéis aos nossos apelos, pois conseguimos, durante estes anos, manter a ajuda que assumimos com os Pobres que temos a nosso encargo.

Uma das nossas preocupações são os mais velhos e as crianças e, neste momento, é a Escola que implica mais gastos em material escolar. Estamos atentos para que as nossas crianças não deixem de a frequentar, até porque nos foram enviados doativos que irão ajudar nesse efeito.

Casal vicentino

Temos outro caso duma senhora a precisar de fraldas, como sabem, estão muito caras e, neste momento, também estamos a ajudar, porque, infelizmente, este artigo, quer se ganhe muito ou pouco, é igual para todos; já não falando dos medicamentos, mas como é habitual contamos sempre com os nossos Amigos.

Todos sabemos que o amor ao próximo é um sinal do amor cristão. Nas leituras dos textos do Evangelho, analisamos, com muita simplicidade e realidade, o quanto de amor ao próximo nos falam.

Numa dessas Leituras, o Senhor diz-nos que todas as vezes que levardes o amor a um irmão «é a Mim que o fazes». Estas palavras do Pai do Céu são para nós, vicentinos, uma fonte de entusiasmo, para continuarmos com a nossa missão de visitar os Pobres.

Esta presença próxima, do vicentino pobre, tem de ter, a palavra do amor, porque só assim se consegue uma forte amizade entre ambos; muito mais se parece com laços familiares.

O vicentino não pode nem deve projectar os seus problemas ou a sua má disposição aquando da sua visita, mas, antes, procurar o seu bom relacionamento com o irmão. Temos de estar preparados para entender a sua grande sensibilidade na abordagem dos seus problemas, em tentar ajudar, ainda que, por vezes, nos custe muito, mas só assim se consegue um bom relacionamento.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE

— Anónimo, 50 euros; assinante 11282, 50 euros; Amiga M. C. E., um cheque; Maria Luísa, 50 euros. Isolina Almeida, 30 euros; M. Pedreira, cheque para ajuda na compra de livros; anónima de 16 anos, 50 euros; Maria Emília, vale de 10 euros; Elisa Ferraz, um cheque; César Neves, 50 euros; Olímpia, cheque; Amiga, de Fiães; Maria Anjos, cheque de 30 euros; assinante 64183, vale de 25 euros.

A os nossos Amigos, em nome dos nossos irmãos Pobres, bem-haja.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Setúbal

Continuação da página 1

simplesmente no uso da palavra, ou ainda pelos mais recentes como os computadores através de programas expositivos.

Destes mesmos meios também nos queremos valer, para ir acompanhando e actualizando a preparação do dia evocativo no próximo Abril, com um site na internet, pelo qual se recolherá e dará a informação que for surgindo. O endereço do mesmo será dado a conhecer em breve.

No próximo dia 23 do corrente mês de Outubro, faremos uma

apresentação pública mais alargada deste acontecimento Comemorativo, abrindo-o à participação de todos. O nosso Bispo estará presente e acompanha desde o início esta nossa iniciativa.

Queremos que o grande bem que foi a vida do Padre Américo continue a dar frutos para o homem de hoje, para além do que, pela Obra se gerou, continua a alimentar a esperança, particularmente das crianças e doentes sem família, e dos Pobres que partilham da sua existência.

Padre Júlio

PAÇO DE SOUSA

SILAGEM — Durante o mês de Setembro fizemos a colheita do milho que servirá de alimento ao gado, durante o ano. Esta colheita e respectivo acondicionamento foi realizada pelos Rapazes que não tinham aulas, ou com futuro incerto: os nossos chefes maiorais, «Bolinhas» e «Almeidinha», Gil, Mário, Serafim. «Guga», Rúben, Ricardo Sérgio e Hugo. Uma semana de trabalho e dedicação com o precioso contributo do senhor Bessa, dos nossos «Meno» e Serafim e da senhora Ana Campos. Para o ano, se Deus quiser, há mais!

VINDIMA — Irá começar brevemente. A colheita adivinha-se má, este ano, uma vez que o tempo não ajudou. Será feita com todos os Rapazes e alguns trabalhadores da Casa. Esperamos que corra bem e que seja alegre, como em todos os anos.

Almeidinha

DESPORTO — Já está em marcha, a nova época desportiva, que espero seja em grande! O nosso primeiro adversário foi o F. C. de Cete. Um jogo super difícil, já que os cetenses vinham

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Setembro, 52.166 exemplares



As maravilhas da natureza não me aliviaram o alma!

DOCTRINA



*O biólogo
que não seja teólogo,
lê, mas não entende...*

«**C**OMEÇO por lhe pedir desculpa da ousadia do meu pedido; mas permita-me o termo — *é um caso de vida ou de morte*. Só o Padre Américo me pode valer. Trata-se do seguinte: Entrou ontem no hospital um rapazinho de 12 anos que foram encontrar quase enforcado e só por milagre se salvou. É já a terceira tentativa de suicídio por enforcamento e diz ele que não é a última pois que está farto desta vida: “Não posso aguentar mais isto” (palavras textuais). E são ditas estas palavras por uma criança de 12 anos! É órfão de pai e mãe e os irmãos mais velhos mandaram-no para a rua a pontapés. E o resultado é o garoto andar na vagabundagem, roubando para comer e maltratando os companheiros. Falta-lhe o carinho e o aconchego. Ora uma criança não se deve considerar nunca um vencido da vida. Mas sente-se ele e continua a dizer que se há-de matar porque está “farto disto”. Não me diga que não, por Deus. Onde estão tantos não se poderá recolher um que quer pôr fim à vida por abandono de todos? Não o abandonemos nós, Padre Américo; ajude-me por favor. O garoto está no hospital e as Irmãs estão com receio de o deixar sair porque ele continua a dizer que faz o mesmo. Há três dias que não comia quando ontem se tentou enforcar. E à hora de jantar no hospital comeu brutalmente.»

NÃO respondi a esta nem a outra que veio no mesmo dia, da mesma terra, com um caso semelhante; nem a dezenas delas, de todas as províncias, desesperadas. Não respondi. Pode ser que a tinta deste quadro seja um bocadinho denegrada, tanta a vontade da pessoa que se interessa, de ver abrigado o sem-abrigo. Qual o doente que não encarece as dores, na presença do médico? Pode ser... Mas eu acredito. Acredito por ter topado, eu mesmo, casos desta natureza. Acredito na sinceridade daquela criança que se quis matar e que se quer matar. Porque aqui se deduz quanto a vida lhe não amarga. Antes a morte! A criança que vem ao mundo para vencer, declara-se no mundo vencida!

COMO há-de ela amar? A quem pode amar? Que valem os homens, se não se amam uns aos outros? Que dizer deles, quando não fazem caso da criança?

Esta carta é um documento. Mas agora pergunto eu: Não havia em Portugal crianças abandonadas antes da criação da Obra da Rua com suas Aldeias? Havia sim senhor. Então quê? Faltava luz. Não havia luz que as mostrasse. O biólogo que não seja teólogo, lê, mas não entende. Admira o mistério da vida, mas não lhe tira o chapéu. Chegando à meta pára. Diz mesmo que não tem nada com o que está para além. Ora esta luz de que falo, vem de lá. Vem toda de lá. É esta luz que tem alumado e aquecido as almas, pel’O GAIATO. Luz que vem da Luz. Por isso choras! Se toda a vida é preciosa, que dizer da vida humana? Se já havia para ela um Mandamento especial no Antigo Testamento, que dizer no Novo onde Deus Se fez Homem?! O Verbo fez-Se carne! Quem não beber nesta Fonte não mata a sede. Quem não olhar para a criança a esta luz, não vê a criança.

EU vou aqui dizer uma coisa para a consolação de todos: São tantos os que já lêem o *Famoso*; tantos os que se apresentam como futuros leitores; tantas e tantas cartas a vibrar; tanto de tudo o que é bom e honesto e santo — que podemos concluir sem medo de errar: somos homens religiosos; somos um Povo cristão. Ele há tantas almas que duvidam qual seja a verdadeira, pela confusão das várias Religiões. Os estudiosos resvalam e acabam por rejeitar todas. Eu não quero. Tenho notado que aonde o Humano, aí o Divino. Quanto mais humanamente tratamos as crianças, maior número de mãos se levantam para o Céu. De onde se compreende que o miolo da verdadeira Religião é este: amor. «Deus é Amor» — verdade eterna.

P. Américo

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

MOMENTOS

Uma triste visão

COM um grupo de Rapazes fomos dar um passeio, ao Domingo, depois da Missa, para os compensar de uma tarefa, realizada por eles, em Casa, durante a semana.

É agradável e compensador estimular os Rapazes!

Indicado, por eles, o local, preparou-se o almoço, para lá comermos, e partimos, guiados por eles!

Apesar de ter vindo várias vezes a Malanje, pouco mais conhecia do que a nossa Casa e a rua principal da cidade.

Sempre me absorveu, inteiramente, a vida dos Rapazes!

Fazer uma incursão por Angola, era algo que me fascinava!

Os Rapazes levaram-me à barra do Quanza!

Intrigado, fui-lhes explicando que se dá o nome de barra a um rio à sua proximidade com o mar. Aí, sim, se chama barra.

A viagem demorou quase três horas. O caminho eram buracos e covas. Dois Rapazes iam comigo na cabine, os outros, dezassete, na carroçaria, que aqui anda-se de qualquer jeito.

Fomos primeiro ver ponte de cimento, com fortes e seguros pilares, partida em três partes pela guerra e, ainda, não recuperada. Um monumento de que as impetuosas águas, agora, escarnecem!

O rio tem, ali, uma largura de mais de cem metros e a travessia é feita em canoas.

O que esta gente sofre para atravessar a corrente com as suas mercadorias e haveres?!... Pela impetuosidade das águas, as canoas entram muito a montante, para chegarem ao porto: Um monte de areia, na margem oposta.

Rumamos a Norte, por uma picada, através de uma enorme aldeia de pequeninas casas de adobes de terra, não rebocadas, instaladas a esmo e cobertas de palha.

Percorridos três ou quatro quilómetros, chegámos ao local combinado pelos meus companheiros! Era uma pequena praia fluvial, de areia branquinha, para onde os Rapazes saltaram imediatamente a jogar a bola e onde, no rio, chineses e portugueses saboreavam a frescura da água limpa, brincando e nadando.

— Vamos já tomar banho para almoçarmos e, depois, jogar a bola! — imperei terminantemente. Eram 14h30.

A barra do Quanza perfilava-se mais acima. Ali já ele tinha dado a sua caprichosa e admirável cambalhota, espreguiçando-se por uma largura de mais de cem metros.

O almoço foi arroz branco com frango estufado, salada de tomate com alface e sumo de manga. Uma delícia!

Os chefes serviram aos seus colegas grandes pratas!

Nisto, vimo-nos rodeados de crianças atraídas pelo agradável odor da comida. Eram uma chusma imensa! Os meus olhos caíram, logo, nas cabecinhas, chagadas, de muitos, cobertas de tinta velha, nunca tratada.

Fitavam-me com olhar terno e suplicante que me penetrava como uma lança! Um mar de dor!

Rodearam o carro à volta do qual os Rapazes comiam.

Estes começaram a dar-lhes do seu arroz, que elas acolhiam aos punhados, numa das mãos, repartindo com a outra, cinco a dez bagos de arroz, pelos seus irmãos!

Nunca, na minha vida, imaginei presenciar uma tragédia de tanta beleza e ternura!

Jamais esquecerei aquele olhar interpelativo que me deixou incomodado e impotente!

Quem acusam aquelas crianças? Quem? — Sabes?...

O Juízo divino será sem complacência para quem enriquecer à custa de tanto sofrimento, ou, pelo menos, sem se doer dele!

Idêntica e chorada cena, presenciei numa aldeia, a Norte, já perto de Uíge, onde fui buscar roupas, louças e mantimentos de um catequista.

Após cinco horas de viagem, chegámos à aldeia e parámos junto à casa(?) do interessado.

Logo um mundo de crianças à volta do carro!

Queria comer um pão com atum, que já sentia fraqueza e o regresso seria penoso, mas como? Com tanta criança faminta à minha volta, de olhos cravados nos meus e as cabeças num estado miserável, cobertas de tinta e feridas, também!...

Reparti o que pude e retirei-me para comer um pão!

As imagens das crianças ficaram gravadas na minha mente com tanta intensidade que me continuo a afligir e não posso calar.

Não é possível. Não devia ser possível!...

Dois Rapazes acompanhavam-me por um carreiro e, depois, de calhau em calhau, até à barra!

O rio, com medo do que lhe vai acontecer, alarga-se desmesuradamente, numa autêntica barra, para depois se encolher numa garganta de menos de trinta metros de largura e se precipitar, de oito a dez metros, em grossa cascata, contra os penedos rijos do fundo, resultando um nevoeiro admirável onde o sol descreve o seu permanente e sempre igual arco-íris!

Soberbo!... Há quantos milhões de anos as águas, impetuosas, batem naquelas pedras sem as destruir ou derreter!

Meu Deus! Como Sois grande!

As maravilhas da natureza não me aliviaram a alma! Vinha carregado com as visões daquelas inocentes cabecinhas.

Padre Acílio

BENGUELA

A alma da Justiça

FICARAM felizes, ao fim de tantos dias de espera! Já não podiam viver mais tempo, em casa alheia, arrumadas num canto da cubata, a pagar a renda que não tinham. Não sei onde param os homens destas mulheres, decididas a enfrentar sozinhas a vida muito dura que levam aos ombros, com as mãos bem presas aos filhos, sua única riqueza.

A casa humilde está de pé. A cobertura, as portas e janelas são por nossa conta. Estamos metidos, deste modo, no terreno, onde mergulham as raízes de muitos problemas. É o caminho que leva ao lugar certo da cura. Um passo importante na promoção humana tem que ser dado pela própria pessoa. Esta inquietação interior não deixa espaço livre para a miséria ser a senhora. Eis um serviço a ser prestado com muito amor e perseverança!

Quem me dera ter a paciência dos Pobres! A nossa vida não tem outro sentido senão servir. A vida dos pais é um serviço. O título mais nobre da pessoa humana é o de servo. O maior é o que serve mais. Como o mundo, a partir das pequenas e grandes comunidades

humanas, seria uma grande Família, onde cada pessoa e cada povo teriam o seu lugar digno!

Bem sei que estes critérios são a total inversão dos critérios vigentes que fazem o mundo com muitas injustiças e miséria. O maior é o que serve, não o que manda...

Todos estamos obrigados ao amor que é a alma da justiça. Desde os mais ricos e potentados aos que têm o pão-nosso de cada dia. Os bens da terra, onde estiverem, têm um destino universal. Quem dera haja corações generosos e corajosos, capazes de vencer a subida da montanha dos problemas humanos que se apresenta difícil e dura! Se cada um fizer o que está ao seu alcance, o nosso mundo, onde vivemos, será cada mais novo. É esta força que nos anima e queremos comunicar-vos. Outras mães e outros filhos estão à espera da nossa ajuda. Não desanimamos. Vivemos, de igual modo, à vossa espera.

Vou meter, aqui, a alegria e a confiança que chegou ao meu coração pela resposta pronta e generosa ao gemido suplicante dos motores de rega para a nossa horta. Já fui buscá-los e puseram a

jorrar a água tirada do lençol freático no interior da terra. A fartura gerada por esta energia vai matar a fome e afogar também alguma miséria. Mais poderemos fazer com as nossas mãos amarradas às vossas mãos. Ninguém ficou mais pobre! Que o medo de dar por causa do medo de perder seja banido das nossas vidas. Quantas consciências transformadas e felizes porque experimentaram a saída da fortaleza fechada pela porta do egoísmo e individualismo e encontraram a liberdade!

Há outros espaços com necessidade urgente de investimento, dentro da nossa Casa. Já bati à porta dos homens e instituições do dinheiro. São portas difíceis de abrir. Não quero que o desânimo vença. Estou a aprender muito com a paciência dos Pobres que batem à nossa porta. Os bancos instalados em Angola, muitos deles em Benguela, filhos de bancos portugueses, abram também as suas portas e balcões à gente anónima, em estado de exclusão, de quem ousamos ser a voz e intermediários. Vamos continuar a bater, enquanto não ouvirmos o não!

Padre Manuel António

PENSAMENTO

A Obra da Rua não é nome de um livro, mas sim a acção estuante de um sacerdote que deliberadamente se quis tornar pobre, para mais proficuamente acudir ao Pobre; porquanto, no apostolado divino, a preocupação do dinheiro é embargo permanente.

PAI AMÉRICO

MOÇAMBIQUE

Feliz casamento

ESTA vida é tanto de incertezas que só a nossa Fé, como diz S. Paulo, «é o firme fundamento das coisas que se esperam». Afinal nada do que parece é, ou o que pode ser não chega a ser o que em verdade deveria. Esbarramos no insucesso e só mesmo a Fé é a pedra firme e o recurso para não deixar desanimar.

Foi um dia feliz o do casamento do Luís, que até aos trinta anos se manteve sem dar passos em falso, procurando chegar ao matrimónio, sem precipitações que viessem comprometer-lo. Esperou e preparou-se. Merece ser feliz no seu lar e todos esperamos que seja uma referência certa e exemplar de casal que uniu as suas vidas e se mantenha fiel na amizade aos seus irmãos mais novos, de quem foi chefe maior e ajudou a cuidar. Já ouvi dizer que sente saudades da música que marca as etapas do nosso dia em Casa. Foram muitos anos e não admira.

Outros não seguem esse caminho e pela calada, vão organizando sua vida sem segurança e até temerariamente. Um outro, também chefe depois do Luís, dos muitos a quem pagamos os estudos e preste a acabar o Curso de Sistemas e Comunicações, já em estágio pago em Empresa que muito nos tem ajudado com rádios portáteis, antenas e sistema de comunicação telefónica via rádio, precipitou-se.

Não pôde assistir aos encontros de sábado à noite, por já ficar na cidade com alguém de família que ainda tem. Nesses encontros que fazemos com os que namoram, em ambiente alegre, de galhofa às vezes, têm de dizer como andam de amores. E os companheiros dão a sua opinião se conhecem a pretendida ou querem saber tudo acerca dela, até como são os encontros.

Este arranhou companheira logo que se viu com dinheiro no bolso. Ela teve gémeos, que não podem sustentar capazmente e houve que serem internados. Ela que precisava também de o ser, porque a cesariana abriu quinze dias depois do parto, negou-se até a acompanhar os filhos ao Hospital e está a correr perigo de vida. Há que acudir, porque ninguém tem meios para isso.

Seguiu o uso de tantos jovens por esta cidade de Maputo, onde os valores tradicionais ruíram, quase sempre me apetecia dizer, por decreto tácito. Abandonam, vão para outra e até os abortos, nas Aldeias se feitos por qualquer mão mais arriscada são pagos ou no Hospital são gratuitos. Outros ainda, muito bem posicionados na vida, têm duas mulheres ou mais e quando se querem desfazer de uma, arranjam quem a troco de dinheiro lhes faça o jeito. Já um dia foi deixado um, bem à nossa porta, e quando pedimos providência ao Serviço Policial, veio, viu e disse enterrem-no, como se nos competisse, em tal circunstância, ser coveiros de assassinados.

Já nos basta termos de prontidão um ou dois carpinteiros para fazer caixões, ao sábado e Domingo, quando a oficina da Massaca está fechada. Nem sei como se remedeia o Povo de Changanane e por aí fora, enquanto não instalarmos lá as maquinhas que nos vieram de Portugal.

É este o nosso mundo, onde sem Fé, cada um procura o que lhe é mais conveniente, se lhe restar consciência do atropelo à bondade de Deus ao que há de bom em tantos outros, que se sentem espezinhados e envergonhados.

Padre José Maria

Bem, belo e bom

Continuação da página 1

Também numa outra tarde, próxima desta, uma tarde de Domingo participámos na celebração da ordenação de um novo Bispo da Igreja. Foi a Ordenação Episcopal de D. António Couto, em Cucujães.

Dois acontecimentos aparentemente desproporcionais não fora, clara e perceptível, a Natureza que os explica: a força e a densidade do Único e mesmo Espírito — a Espírito de Deus.

Ambas têm como matriz o apelo em ordem à Missão. Não admira, pois, que a novo Bispo tenha formulado o desejo de ver uma Igreja de rosto mais evangelizado e evangelizadora, aberta à Missão.

Cucujães é berço de missionários, gente que chega e parte; gente que aprendeu, no sabor da Escritura Sagrada, a levantar os olhos e a ver: «bem», «belo» e «bom», tal como o profeta Jeremias, para além da invernada e da tempestade, da catástrofe e da morte. Um olhar de qualidade e de optimismo que de modo cativante o novo Bispo explicou e sugestivamente consignou no seu próprio báculo episcopal: «vi um ramo de amendoeira».

Estes dois acontecimentos próximos na tarde destes dias, lidos assim, à luz da Palavra divina, mativom-nos a que façamos da nossa vida, tantas vezes vivida entre o «Lodo e as Estrelas», uma «carícia de Deus», como enfatizou o novo Bispo. Tanto dela o mundo precisa.

Padre João

A pobreza

Continuação da página 1

cam com certeza uma revolução na mentalidade da maioria dos homens, até de muitos que acreditam e julgam professar o Evangelho.

Só o Homem — cada um deles — tem em mãos a erradicação da pobreza pela contrapartida da assunção da Pobreza como seu ideal de vida comunitária.

Uma utopia! — dir-me-ão. Ora aqui temos uma razão forte e um campo vasto para convertermos a

utopia em realidade, ao menos como tendência escolhida com energia de alma, com ambição sincera e eficaz. Esta energia de alma não a possui o Homem espontânea, pelo peso da sua fragilizada natureza e pelo envolvimento de um mundo saturado de estímulos a um desejo sempre mais incontido de riqueza e de todas as comodidades e deleites que se lhe atribuem com o nome ilusório de felicidade. Há que lutar por ela e suplicá-la com a veemência desta prece bíblica: «Uma coisa Te peço, Senhor, não me negues: Não me dês riqueza nem miséria, mas somente o que é necessário à minha vida».

Deus com certeza não negará a cada suplicante esta graça que é, afinal, a única fórmula capaz de erradicar a pobreza.

Padre Carlos